



Sir Roger de Coverley

Não vos espanteis do titulo inglez — *Sir Roger de Coverley* — que tem a nossa estampa. De proposito o conservámos assim, pelo respeito que merece Addison, o famoso auctor do nunca esquecido *Spectator*.

Um dos melhores artistas da escola ingleza reproduzio pela pintura a bellissima creação litteraria de Addison; e dessa pintura é fiel copia a nossa estampa. Representa Sir Roger de Coverley, typo inventado por Addison, para symbolisar um fidalgo duma povoação rural do seu tempo, acompanhado pelos seus rendeiros, e rodeado de mil

respeitosas attentões, em consequencia dos beneficios que lhes liberalisa, da gravidade da sua vida, do cuidado que põe no exercicio da caridade, e da sollicitude que emprega em inspirar o sentimento religioso e a pratica do culto. A hera em que vemos na estampa o bom fidalgo, está elle apertando a mão a um ancião, que está assentado, e tem junto de si as moletas com que se ajuda no seu penoso caminhar, — e lhe pergunta com interesse pela sua saude, e lhe exprime ardentés votos.

Li ha pouco a muito notavel *Historia da litte-*

ratura ingleza (por M. Taine), e folguei de ver a gravidade com que um francez, tão diverso, pela nacionalidade e pelo tempo, de Addison, acolhe e encarece a bella criação do escriptor moralista inglez. — Considera a criação daquelle typo como uma obra prima litteraria, e ao mesmo tempo como um documento historico. Sir Roger é um fidalgo do campo, leal servidor da constituição e da igreja, *justice of peace*, protector do ecclesiastico, paternal governador dos seus dominios. Reprehende os seus rendeiros, passa-lhes revista na igreja, tem conhecimento dos seus negocios, dá-lhes conselhos, fornece-lhes soccorros, intima-lhes ordens; é respeitado, obedecido, amado, porque vive com elles, porque a simplicidade dos seus gostos e da sua educação o põe quasi ao nivel delles, porque a titulo de magistrado, de antigo proprietario, de homem rico, de bemfeitor e de visinho, exercita uma authoridade moral e legal, util, consagrada. Addison deixa ver no seu heroe uma tempera rigida de caracter, e até uma certa aspereza propria da raça ingleza daquelles tempos; mas tambem faz sobresair um grande fundo de bondade (que se estende aos animaes), o amor do campo e das occupações corporeas, o gosto do commando e da disciplina, o sentimento da subordinação e do respeito, muito bom senso, pouco de agudeza de engenho, o habito de patenlear as suas singularidades sem hesitação e sem receio de cair no ridiculo.

Assim, esse typo, tal como o concebeu Addison, embora com referencia á Inglaterra e a uma determinada época, tem um fundo de moralidade que em todos os tempos será apreciado, e pôde servir de modelo para as relações que devem existir entre as classes ricas e as dos cultivadores da terra, — entre os nobres e os mecanicos, — entre os homens que tem intelligencia, poder e auctoridade, e aquelles que se consagram ao trabalho nos diversos ramos da actividade humana.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo é il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 309)

II

Li com toda a attenção a comedia que Machiavel intitulou *Madragola*, e confesso que a muito custo se desvaneceu no meu espirito a incredulidade, em quanto ao facto de haver ella sido representada na presença de um papa!

E, comtudo, o facto succedeu assim na realidade!

Seguindo a exposição de Ginguené, a *Madragola* tinha sido representada em Florença com grandes applausos; a esta representação assistio Leão X, sendo ainda cardeal. Annos depois, sendo este já pontifice, mandou ir a Roma os actores que a tinham representado, bem como o scenario que da primeira vez servira; e, fazendo um theatro no Vaticano, quiz que, em sua

presença fosse representada aquella comedia... e ainda outras do mesmo gosto. (1)

Artaud, porem, refere a composição desta comedia ao anno de 1524, e a sua conclusão ao anno de 1515. Ora, Leão X recebeu a tiara no dia 5 de março de 1513, e fez a sua entrada solenne em Roma no dia 11 de abril do mesmo anno: logo, não pôde admittir-se a versão de Ginguené, em quanto a ter Leão X visto representar a *Madragola* em Florença, quando era apenas cardeal.

Em todo caso admittit Artaud, nem podia deixar de admittir; o facto de haver Leão X feito representar no Vaticano a *Madragola*; mas assigna-lhe outra data. No dia 10 de dezembro de 1515, teve Leão X uma entrevista com o rei de Francisco I, em Bolonha; e foi precisamente na volta a Roma, que aquelle pontifice fez representar em sua presença a *Madragola*. (2)

Notavel differença dos tempos! Singular diversidade do modo de sentir em duas épocas! O que chegou a ser representado diante de um pontifice... só com grande reserva pôde ser objecto de analyse litteraria diante dos leitores dos nossos tempos!

Empregando, pois, as necessarias precauções de linguagem, vamos dar noticia de uma das produções dramaticas de Machiavel. Com o original á vista, citaremos algumas bellas phrases do antigo toscano, acompanhando-as com a explicação conveniente; e assim poderá o nosso estudo ser profieuo para os leitores curiosos.

São actores na *Madragola*: Callimaco, Siro, Messer Nicia, Ligurio, Sostrata, Fr. Thimotheo, uma damia, e Lucrecia.

O Florentino Callimaco, que viveu em paizes estrangeiros por espaço de trinta annos, vinte dos quaes passou em Paris, apaixonou-se, em regressando a Florença, por Lucrecia, mulher de Messer Nicia. Este ultimo é rico, doutor em direito, mas duma simpleza e credulidade sem iguaes. Casado, de ha muito, com a formosa Lucrecia, vive summamente desgostoso por não ter filhos; não scisma n'outra cousa — senão na sua desgraça, e sente-se disposto a fazer todos os sacrificios para obter um herdeiro do seu nome e da sua fortuna.

Callimaco, ardendo em paixão pela encantadora Lucrecia, traça o plano de se apresentar na qualidade de medico habil que, tendo adquirido em Paris consummada sciencia, está senhor de um remedio efficacissimo para debellar a esterilidade matrimonial, seja qual for a causa dessa esterilidade. Messer Nicia, com quem Callimaco tem uma entrevista, acredita facil na sciencia pasmosa do improvisado medico, lança-se nos braços delle com plena confiança, e prepara deste modo uma victoria certa ao amante de sua mulher.

Este rapido esboço é mais que bastante para fazer ver que a comedia não prima em pontos de moralidade; mas, abstraindo — especulativamente — deste importante e impreterivel aspecto — é certo que, olhada esta produção dramatica debaixo do ponto de vista litterario, não deixa de ter grande merecimento artistico. Os diversos

(1) *Histoire Littéraire d'Italie*; tomo 6.º P. 2.º cap. 22, pag. 223.

(2) *Machiavel, son génie et ses œuvres*; tomo 1.º cap. XXIV pag. 385.

personagens são caracterizados magistralmente; e ninguém poderá contestar que o enredo é desenvolvido com toda a naturalidade, graça e discrição.

Não nos demoraremos em particularisar os artificios de que usa Ligurio para fazer acreditar a Messer Nicia, que o seu amigo Callimaco é um medico sabio, e possuidor de um remedio infallivel. Passaremos a dar conta de algumas scenas, pelas quaes o leitor poderá formar idéa da maneira de Machiavel, e julgar do merito litterario da peça.

— Entrevista de Messer Nicia com Callimaco, em presença de Ligurio:

Callimaco: ¿ Que me quereis?

Messer Nicia: Bona dies domine magister.

Callimaco: Et vobis domine doctor.

Ligurio: ¿ Que vos parece?

Messer Nicia: Muito bem.

Messer Nicia declara a *Callimaco* que deseja ter filhos, e por isso recorre á sua afamada sciencia. *Callimaco* diz que está á sua disposição; nem elle se déra a tantos trabalhos e fadigas em Paris, senão para habilitar-se a ser prestavel a pessoas de bem, como Messer Nicia lhe parecia: deseja, porem, saber qual a causa da esterilidade matrimonial, pois que muitas póde haver, como lhe explica em phrase latina, que tem o defeito de ser demasiadamente clara. — *Ma a volere adempire il desiderio vostro, è necessario sapere la cagione della sterilità della donna vostra, perche le possono essere piú cagioni; nam causæ sterilitatis sunt aut in semine, aut in matrice, aut in instrumentis seminariis, aut in virga, aut in causa extrinseca.*

Messer Nicia fica espantado da sabedoria de *Callimaco*; mas delina immediatamente de si a causa da esterilidade; de sorte que dá aso a que o medico finja acreditar que ha mister dar um remedio a *Lucrecia*. Felizmente trouxe elle de França todos os ingredientes para a composição do milagroso elixir, no qual entra principalmente a planta *mandragola*. Damas da primeira nobreza, princezas, rainhas, teem tomado a bebida abençoada, e a esterilidade desapareceu como por encanto; ainda ultimamente a rainha de França experimentára os effeitos beneficos de tal remedio.

Ha, porem, uma difficuldade muito grave: o homem que dormir com a mulher que houver tomado aquella bebida, morre, infallivelmente, dentro de oito dias. Occorre um alvitre: em vez de ser *Nicia* quem se sujeite á fatal condemnação, buscar-se ha um desgraçado, o primeiro mendigo que ás mãos poder ser tomado. *Messer Nicia* approva tudo: *Io son contento, poi che tu di che Re, Principi, Signori hanno tenuto questo modo; mas pondera que Lucrecia não se prestará a um tal expediente: Ligurio lembra então a intervenção de Frei Timotheo, confessor de Lucrecia, para aconselhar a indispensavel condescendencia.*

— *Callimaco*: ¿ Mas quem hade dispor o confessor?

— *Ligurio*: Tu, eu, o dinheiro, a nossa perversidade, e a delles (frades). *Tu, io, i danari, la cività nostra, la loro.*

— Como, porem, induzir *Lucrecia* a ir consultar o confessor?

— *Sostrata*, mãe de *Lucrecia*, se incumbirá de resolver esta difficuldade.

Na scena 3.^a do 3.^o acto apparece Frei Timotheo, desembaraçando-se com muito custo das importunas pergunttas de uma viuva, de quem é confessor:

Frei Timotheo: As pessoas mais caritativas, mas ao mesmo tempo mais fastidiosas que ha no mundo, são as mulheres. Se as afastamos, damos de mão ao enfado, mas tambem lá se vae o util; se as escutamos temos sim o util, mas vem tambem com elle o enfado: verdade seja que — não ha mel sem moscas. — *Le piú caritative persone che sieno, son le done, & le piú fastidiose. Chi le scaccia, fugge i fastidii & l'util; chi le intratienne, ha l'utile e i fastidii insieme. Et è vero, che non è il mele senze le mosche.*

Ligurio é quem se incumbem de encaminhar a negociação com Frei Timotheo. — Estes Frades, diz *Nicia*, são matreiros, são astutos; e não admira isso, pois que sabem os seus segredos e os nossos; de sorte que a pessoa que não está costumada a lidar com elles, facilmente se engana emquanto ao modo de encaminhar as cousas com geito: *Questi frati sono trincati, astuti, & è ragionevole, perche ei sanno i peccati nostri e loro; e chi non è pratico con essi, potrebbe inganarsi à non li saper condurre à suo proposito.*

A astucia de *Ligurio*, fortemente apoiada em algum dinheiro, move Fr. Timotheo a entrar na conspiração.

Fr. Timotheo, em um engraçado monólogo, revela aos espectadores o plano da batalha:

— *Messer Nicia* e *Callimaco* são ricos, e de cada um delles se póde tirar partido por meios diversos. Necessita-se de segredo, tanto no interesse delles, como no meu. Seja como for, não me arrependo. Creio que encontrarei difficuldades, porque a senhora *Lucrecia* é recatada; mas, porque é boa, leval-a-hei pelo lado da bondade. Todas as mulheres teem poucos miólos; não ha uma só que saiba dizer duas palavras; recorrerrei á pregação... pois que *na terra dos cegos quem tem um olho é rei*. Lá vem ella com a mãe, que é uma estúpida chapada, e por isso mesmo me ha de servir de grande auxilio para trazer a filha aos meus designios. —

Isto, que muito imperfeitamente traduzimos, tem uma graça infinita no velho idioma toscano, que Machiavel maneja com admiravel mestria:

— *Messer Nicia & Callimaco son ricchi, & da ciascuno per diversi rispetti sono per trarre assai. La cosa conviene che stia secreta, perche l'importa così à loro à dirla, come me sia come si voglia, io non me ne pento. Egti è ben vero che io dubito non ci havere difficultà, perche Madonna Lucretia è savia, & buona. Ma io la giungerò in su la bontà, & tutte le donne han poco cervello, & come n'è una che sappia dire due parole, è se ne predica; perche in terra di ciechi, chi a un ochio è signore. Et eccola con la madre, la quale è bene una bestia, & sarammi un gran aiuto à condurla alle mie voglie.* —

A entrevista de *Lucrecia* e sua mãe com Frei Timotheo é tambem muito curiosa. Frei Timotheo poupa-lhes a vergonha, rompendo elle proprio a conversação nestes termos: *Voi siate le ben venute. Io so quello che voi volete intendere da me, perche Messer Nicia mi ha parlato. Veramente io sono stato in sú libri piu di due hore à studiare questo caso, & dopò molto esame io trovo di molte cose che, & in particolare, & in generale, fanno per noi.* (Em boa hora venhaes! Sei o que quereis, por.

que já me fallou Nicia. Estive sobre os livros por mais de duas horas a estudar o caso; mas, felizmente, depois do serio exame, encontrei muitas cousas que, em geral e em particular, fazem ao nosso proposito.)

Lucrecia questiona com o frade, e impugna por algum tempo as razões que elle expõe e a mãe apoia:

— *Frei Timotheo*: Io vi giuro, Madonna, per questo petto sacralo, che tanta coscienza vi è ottemperare in questo caso al marito vostro, quanto vi è mangiare carne il mercoledì, che è un peccato che se na va cou'acqua benedetta. (Jurro-vos, senhora, por este peito sagrado, que tanto vos deve custar obedecer a vossò marido, quanto comer carne ás quartas feiras, — peccado que se lava com agoa benta.)

— *Lucrecia*: ¿ A che mi conduce voi padre?

— *Frei Timotheo*: Conducovi à cose che voi sempre hare cagione di pregare Dio per me, & piú vi satisfará questo altro anno, che hora.

— *Sostrata*: Ella farà cio che voi vorrete. Io la voglio mettere questa sera al letto io. Di che hai tu paura mocciconna? è ci sono cinquanta donne in questa terra che ne alzerebbole le mani al cielo. (Ella ha de fazer o que vós quizerdes. Hei de eu mesmo metel-a na cama esta noite. De que tens tu medo, parvinha! Ha, por certo, nesta terra cincoenta senhoras, que levantariam as mãos aos céos pela fortuna que vás ter!)

— *Lucrecia*: Io son contenta: ma non credo mai esser viva do mattina. (Convenho em tudo; mas creio que amanhã pela manhã já não estarei viva.)

— *Frei Timotheo*: Non dubitare, figliuola mia, io pregherò Dio perte, io dirò l'oratione dell'Angiol Raphaello, che t'accompagni. Andate in buon' hora, & preparatevi à questo misterio, che si fa sera. (Não tenhas duvida, minha filha! Vou orar a Deos por ti; hei de resar a oração do Anjo Raphael, para que te faça companhia; ide embora, prepara-vos para este mysterio, — que se faz tarde.)

O plano traçado é posto em execução naquella noute; como era natural, Callimaco é quem vae correr o perigo da decantada experiencia; disfarça-se em mendigo; Frei Timotheo em medico — e até o bom de Messer Nicia se veste de militar: e tudo corre ás mil maravilhas.

O 5.º acto rompe com um monólogo de Frei Timotheo, muito curioso:

— Não pude fechar olho em toda a noite, tamanho é o desejo que tenho de saber como Callimaco e os outros se houveram; de sorte que procurei gastar o tempo em varias cousas. Resei matinas, li a vida de um dos Santos Padres, fui á igreja, acendi uma alampada que se tinha apagado, e mudei o véo a uma senhora milagrosa. Quantas vezes não tenho eu dito a estes frades que tratem de conservar acieada aquella imagem! E depois admiram-se de que vá decaindo a devoção! Recordo-me ainda do tempo em que tinhamos quinhentas imagens; hoje apenas temos vinte. A culpa é nossa que não soubemos manter-lhe a reputação! Costumavamos todas as tardes, depois de *completas*, fazer procissões, e todos os sabbados cantavamos *laudes*. Esforçavamos por ter sempre imagens novas, e incitavamos na confissão os homens e as mulheres a que fizessem votos e offertas. Hoje... já lá vai tudo isso... e admiram-se da frieza que se observa! Oh!

estes meus Frades teem muito poucos miólos! — *Io non ho potuto questa notte chiuder occhio, tanto è il desiderio ch'io ho d'intendere come Callimaco & gli altri l'habbiano fato. & ho atteso à consumare il tempo in varie cose. Io dissi matutino, lessi una vita de Santi Padri, andai in Chiesa, & accesi una lampana che era spenta, mutai un velo ad una Madonna che fa miracoli. Quante volte ho io detto a questi Frati che la tengano pulita, e si maravigliano poi se la dirotione manca. Io mi ricordo esservi cinquecento immagini, e non ve ne sono hoggi venti. Questo nasce da noi, che non le habbiamo saputo mantenere la reputatione. Noi vi solevamo ogni sera dopò la completa andare à processione, & farvi cantare ogni sabato le laude. Botavanci noi sempre quivi, perche vi si vedesse delle imagini fresche, confortavamo nelle confessioni gli huomini & le donne a botarvisi. Hora non si fa nulla di queste cose, e poi ci maravigliano se le cose vanno fredde. O quanto poco cervello è in questi miei frati. &*

Vem depois Callimaco, Ligurio, e successivamente todos os interlocutores, dar conta de que tudo correu admiravelmente. Messer Nicia recebe emboras de Frei Timotheo, por ter segura a sua descendencia; Callimaco, já então vestido de medico, é apresentado por Messer Nicia a sua mulher, e convidado desde logo para padrinho do primeiro filho que vier á luz; e Frei Timotheo recebe em recompensa uma boa porção de ducados.

— Posto isto, é occasião de ouvirem os leitores o juizo critico ácerca desta comedia, emittido por um dos escriptores mais sisudos e doutos destes nossos tempos. Eis aqui o que diz o sabedor Macaulay:

A *Madragola* é superior ás melhores peças de Goldini, e só inferior ás melhores de Molière.

Se Machiavel se tivesse dedicado á carreira dramatica, haveria, certamente, chegado á perfeição da arte, e produzido um effeito duradouro e salutar sobre o gosto nacional.

O amante é pintado com vivacidade, bem como o seu conselheiro *parasita*.

O confessor hypocrita é um retrato admiravel. O velho Nicias vem a ser a obra prima da peça; é um idiota, apresentado em proporções taes que não excita compaixão, nem horror, mas sómente o ridiculo. Até a antiga locução toscana condiz, pela sua simplicidade, com a parvoice infantil de Nicias. (3)

Um critico severo, que mais de uma vez teremos occasião de citar, Baretti, termina o seu juizo sobre esta comedia, dizendo: *Quello che io so, è che la Madragola Egli l'ha composta in uno stile il piu netto e il piu veloce che si possa dire.*—O que eu posso dizer, é que Machiavel compoz a *Madragora* em um estylo admiravel de polidez, de movimento e de animação. (4)

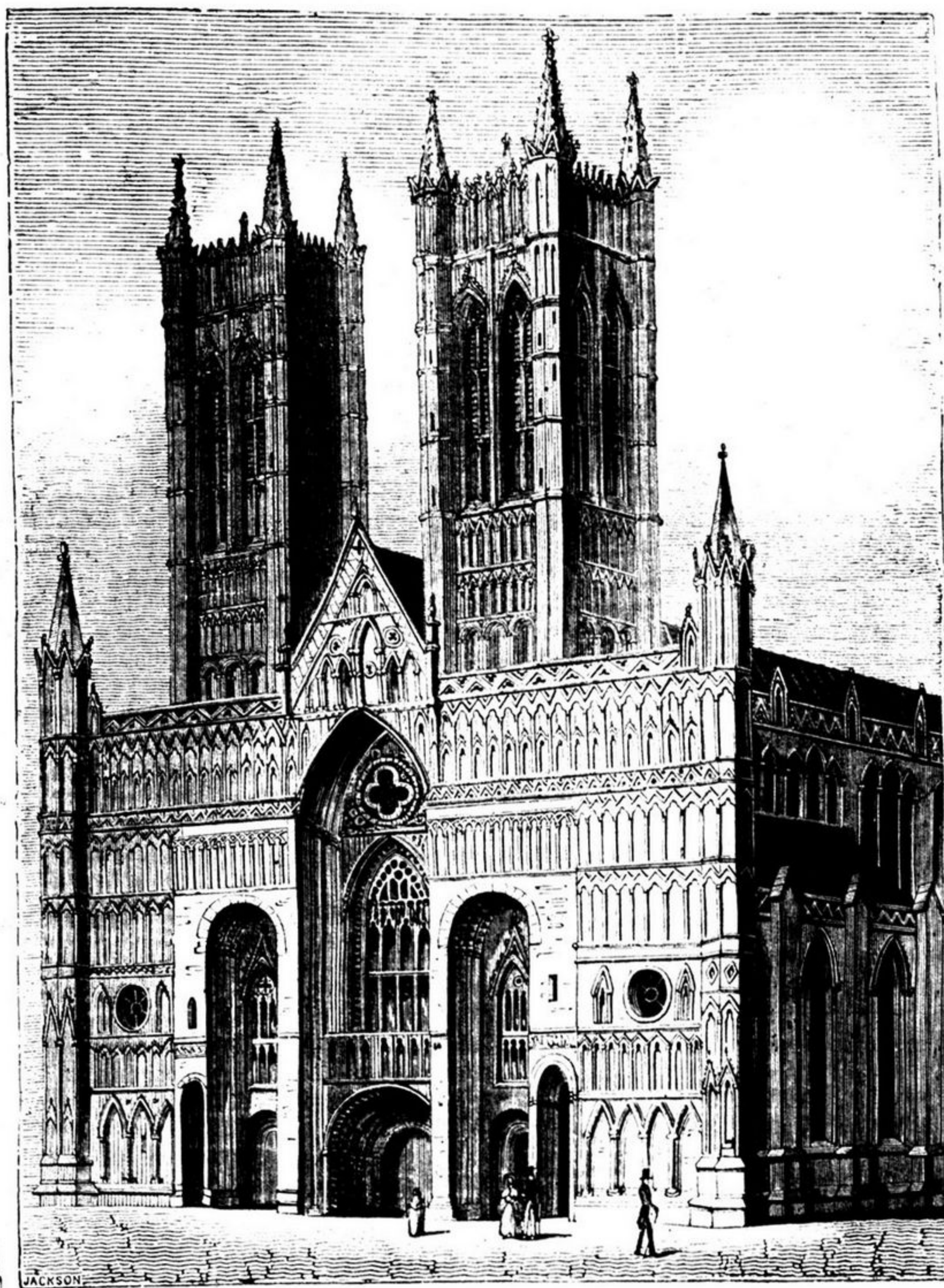
No artigo immediato daremos noticia de outras comedias de Machiavel,—seguindo o mesmo theor de exame e analyse, que aqui temos observado.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(3) Veja—*Essais politiques et philosophiques par Lord Macaulay, traduit par M. Guillaume Guizot. Paris. 1863.*—E ali o bellissimo artigo—*Machiavel et l'Italie.*

D'aqui em diante, quando citarmos—Macaulay—, para confirmarmos algum juizo ou asserção com uma authoridade tão respeitavel,—sera sempre com referencia ao escripto que agora indicamos.

(4) *Prefazione alle opere del Machiavelli di Giacopo Baretti.* Na edição de todas as obras de Machiavel, Londres 1772.



A cathedral de Lincoln

A cidade de Lincoln está assente na margem do norte do Witham, no condado de Lincolnshire em Inglaterra, e dista de Londres 134 milhas. Representou esta cidade sempre um grande papel, a contar até da conquista dos romanos, os quaes a denominavam *Lindum*. Está edificada no declivio sul e nas faldas de uma montanha, — no cume da qual se alevanta a cathedral magnifica e magestosa, que a nossa estampa representa.

O mais interessante dos edificios publicos da cidade de Lincoln é a sua cathedral, vantajosamente situada no cume da montanha, como dissemos, e por isso vista a distancia de muitas mi-

lhas das planuras que a circundam do lado de sueste e sudoeste; sendo que as suas torres produzem de longe o mais bello effeito. Foi construida em diversos periodos, e comporta por isso diversos estilos de architectura, predominando todavia o da velha Inglaterra, de um caracter notavel e bello. Muitos edificios a rodeiam do lado do norte, do sul, e do oeste, mas está muito mais desaffogada do lado do nascente. O effeito que o todo do edificio produz no seu interior é excellente. As duas torres medem 180 pés, a contar da base. Na frontaria occidental, e em cada um dos angulos tem tres escadarias coroadas com pinaculos.

Fôra necessário consagrar longas paginas á descripção das bellezas architectonicas desta cathedral, bem como das obras de esculptura que ainda se conservam em bom estado, e dos monumentos funebres de diversas personagens, — monumentos, que ainda a despeito dos estragos do tempo mostram a magestade que, por assim dizer, os revestia. Basta notar que este vasto edificio, com os seus diversos estilos de architectura, com as numerosas mudezas de adornos esculpturaes, com os seus accessorios de varia natureza, pôde pleitear competencia com os mais bellos templos de Inglaterra, — succedendo que alguns julgam a cathedral de Lincoln preferivel até á de York.

PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 314)

Restabelecida a ordem, acalmando-se as paixões, parecia abrir-se uma era nova para a rainha D. Maria quando morreu na idade de trinta e quatro annos. Essa morte apaga os odios derradeiros. O rei D. Fernando assume a regencia, e a sua passagem no poder basta para fazer apreciar os predicados do seu espirito. Uma especie de impopularidade, inexplicavel hoje, parecia ter ferido este principe. Basta-lhe mostrar-se tal qual é para diminuir as prevenções. Genio conciliador e modesto, dando de barato as humilhações que tivera que supportar, só pensou em curar as ultimas feridas das discordias civis. O seu procedimento foi tal que seu filho, D. Pedro, chegára á sua maioridade, rodeado dum valimento popular que devia á sensata administração de seu pai. Este principe, cujos predicados tinham brilhado no poder com tão vivo esplendor, immergiu-se na sombra, respeitado por todos. Tratava-se de reorganisar as forças da nação, e, como a era das luctas estava cerrada, de inaugurar uma era de trabalho que até ahí se não conhecera. Pedro V tomou o seu papel a serio; julgava-se pessoalmente responsavel pela felicidade dos seus subditos, e o sentimento dessa responsabilidade deu, na aurora da vida, á sua physionomia uma expressão triste e grave. Desde o primeiro dia do seu reinado, punha-se ao trabalho, examinando todos os negocios, e fixando-se de preferencia nos que interessavam o futuro da geração juvenil. No silencio do gabinete estudava o pacto fundamental para fazer todo o bem que dependesse do seu poder, sem ultrapassar os seus direitos constitucionaes, espantado antes do que irritado ás vezes de encontrar alguma desconfiança onde se devia mostrar a adhesão mais calorosa. O joven soberano só estava preocupado dos deveres da sua posição: a esse sentimento, sem duvida, é que se deve attribuir, num rei pacifico, a tendencia secreta que tinha para a vida militar; dir-se-hia que o tentava a abnegação do soldado. Espirito irresoluto e hesitante, gostava, todavia, de encarar os mais audazes problemas do futuro, motejando, ás vezes, segundo se diz, da timidez dos

seus ministros. Nunca reconheceu a si mesmo o direito de dispor da vida dum homem, ainda que esse homem fosse culpado aos olhos da lei. Não houve uma só execução capital durante o seu reinado.

D. Pedro vira já cair em torno de si sua mãe, e uma esposa a quem amava. Um dia, depois de uma penosa viagem que fizera ao Alemtejo (as suas excursões pelas provincias não eram simples viagens de recreio), sentio-se enfermo, e o principe, que a febre amarella respeitára quando, em 1855, percorria os hospitaes, rodeado de todos os seus, morreu duma doença contrahida no cumprimento dos seus deveres. O povo, desvairado por surdos rumores, não queria acreditar na morte natural; nesse primeiro momento ninguem se lembrou da terrivel influencia das febres do Alemtejo. O irmão de D. Pedro, D. Luiz I, appareceu a esse povo entristecido como uma consolação. O seu papel era facil; bastava ceder ao doce impulso da onda da popularidade. Tudo lhe devia sair bem. O seu character expansivo formava um contraste notavel com a melancolica physionomia do seu predecessor. Destinado, desde a sua infancia, a vida maritima, devia á sua educação de marinheiro esta franqueza de maneiras que seduz a multidão. Pediam-lhe que se casasse o mais depressa possivel para assegurar o futuro da monarchia, e, enquanto os politicos lhe andavam procurando uma companheira, escolhia elle mesmo a neta de Carlos Alberto, associando assim os destinos da casa de Bragança aos da casa de Saboya, como se quizesse dar aos seus subditos um novo penhor do seu liberalismo.

Por qualidades tão diversas é que a nova dynastia se enraizou no throno, e a união destes principes com a nação portugueza tanto se estreitou que nenhum perigo parece ameaçar os destinos desta familia. Quando, no mez de novembro de 1863, D. Luiz I quiz apresentar ás provincias do norte a mãe do principe real recém-nascido, a joven italiana pôde ver, com os seus proprios olhos, quanto ella mesma era uma esperanza para o povo.

III

Para se conhecer, debaixo de todos os seus aspectos, a vida portugueza, deve-se ir a Coimbra e ao Porto, a cidade universitaria e a cidade mercadora, depois da residencia de rigor em Lisboa. Graças aos cuidados de el-rei D. Fernando, durante a sua regencia percorrem a estrada de Lisboa a Coimbra e ao Porto malapostas, que são quasi sumptuosas, com as suas armas reaes e as suas fogaças parellhas de cavallos inglezes e normandos. Atravessa-se Caldas da Rainha, affamada por aguas sulfureas que attraem muitos entusiastas e alguns doentes (1); Alcobaça, cujo mosteiro foi tão celebre; Leiria, que mostra as ruinas do castello do rei Diniz, o *rei lavrador*, e

(1) Ah! o pobre Mazade julgava-se em Spa, Hombourg, ou Baden, e imaginava os banhos thermaes de Portugal semelhantes aos da França. Ah! frequentadores das Caldas da Rainha quanto vos calunhiava este innocente viajante.

chega-se a Coimbra depois de vinte e quatro horas duma viagem agradável. Eu tinha nesta excursão dois companheiros, um inglez altissimo, e desesperado de não poder entrar na carruagem com o chapéo na cabeça, e um joven estudante da Universidade, bacharel de fresca data. O joven portuguez deu-nos bastantes noticias curiosas sobre a sua patria, e mais nos daria, se o não desconcertasse o fleugma perguntador do insular. Fallava-se em conventos ao passarmos por Alcobaca. «Quantos ha em Portugal? perguntava logo o inglez. Qual é o numero dos frades e das freiras? Que riquezas possuem os mosteiros?» Atravessando algumas aldeias reparámos no aspecto doentio da população. Eis o que a esse respeito nos disse o joven portuguez: «Estes sitios eram outr'ora saluberrimos; mas não sei quem se lembrou de nos persuadir que Portugal pagava, debaixo da forma de arroz, um tributo enorme ao estrangeiro. Já hão de ter reparado no nosso gosto nacional pelo arroz. Logo se cultivaram arrosaes; algumas pessoas realisaram assim grandes lucros, e já não compramos arroz lá fóra. Agora resta-nos exportar as febres. — Quanto gastam em quiniño? perguntou o inglez. — Não sei, respondeu o estudante, o que sei é que o governo nomeou ha tempos uma commissão encarregada de lhe fazer um relatorio sobre a influencia anti-hygienica da cultura do arroz. A commissão percorreu de longe e depressa as localidades inficionadas, voltou a Lisboa, e escreveu um grosso livro que ninguem consulta.»

Em Coimbra separei-me dos meus dois companheiros de viagem, que iam para o Porto. Construída nas margens do Mondego, na encosta duma collina, Coimbra está, como quasi todas as cidades portuguezas, disposta em amphitheatro. A proximidade das bellas pedreiras de calcario que se encontram na *gandara de Portunhos* valeu-lhe, sem duvida o ar monumental que a distingue; contudo, a primeira impressão que produz a cidade é, para fallarmos a verdade, penosa. De todos os lados surgem grandes edificios arruinados, e meio abandonados, que se transformaram em casernas e outros estabelecimentos; são os vestigios duma vida monacal esvaída. Seria difficil hoje contar esses claustros; mas se os frades e as freiras de todas as ordens e de todos os habitos deixaram Coimbra contra sua vontade, ficou a tribu escolar, e isso basta para dar á cidade um aspecto caracteristico. Um clima brando e salubre, os plainos fertes, as montanhas pittorescas e os valles verdejantes que rodeiam a cidade universitaria, devem concorrer poderosamente para desenvolver a imaginação dos seus jovens habitantes. El-rei D. Diniz, que fundou a Universidade, não podia escolher para este estabelecimento condições mais favoraveis. Em Coimbra o estudante está nos seus dominios, e a sua soberania não é contestada; a *batina* e a *capa* enchem as ruas de modo que affugentam qualquer outro fato. Este vestuario, introduzido outr'ora pelos jezuitas, está pouco em harmonia, devemos confessal-o,

com o genio turbulento da mocidade. Meias de seda preta, sapatos de fivella, e uma especie de comprido gorro negro, onde se mettem livros, completam esse trajo de seminaristas. Na cidade alta, á roda da Universidade, é que o estudante reside com os seus mestres; teve a bondade de abandonar a cidade baixa, as margens do rio aos operarios, aos *futricas*, como elle lhes chama. Quando se digna descer dessas alturas, é para corrigir um rebelde do seu reino, ou para sovar a policia. O estudante está sempre prompto a dar batalha para manter a sua supremacia. É uma incommoda visinhança a destes ministros e magistrados em embryão; mas o ardor entusiastico desta juventude tambem tem o seu lado interessante. Não foi ella que elevou quasi á altura de um culto uma das mais poeticas memorias de Portugal? Sabem todos que foi em Coimbra, nas margens do Mondego, que Camões collocou a scena do dramatico episodio de Ignez de Castro. Encerrada no convento de Santa Clara, a formosa dama confiava as suas mensagens namoradas a corrente dum arroyo que se chama a Fonte dos Amores. Era na Quinta das Lagrimas que o seu regio amante, D. Pedro, esperava as declarações ferventes da reclusa. Este lugar tornou-se o passeio habitual dos jovens estudantes, e mais dum peeta moderno da Luzitania encontrou, debaixo dos cedros seculares da Quinta, as suas mais frescas inspirações.

Diz-se que o ensino desta Universidade seria susceptivel de melhoramentos, e não deixo de o acreditar; mas quando esta questão se agita a discussão versa muito menos sobre o merito dos methodos do que sobre as franquias do discipulo e os direitos do professor. Se o professor, que dispõe duma grande authoridade, se mostra severo contra os seus discipulos grita-se contra a reacção, a academia inteira exalta-se com a historia dos dissabores dum collega, e o descontentamento da mocidade é annuciado ao reitor, que não tem mais nada a fazer senão por-se a andar. Coimbra, como todas as cidades de Portugal, possui um grande numero de jornaes; estes entram no debate, e a guerra accende-se se ha resistencia. Contudo, estas questões são de pouca duração, e sempre terminam por uma conciliação em familia. Para reformar, seria necessario proceder com rigor. Proceder com rigor! mas isso era provocar uma revolução; professores e paes sublevar-se-hiam contra o audacioso que se atrevesse a pronunciar semelhante palavra. Coimbra é para todos a memoria das loucuras d'hontem, é a cidade em que se passou o bom tempo da mocidade. Quantas gerações lançaram ao vento a flor dos annos nas ruas da Sophia e do Visconde da Luz! Poder-se uma pessoa intitular *bacharel formado*, que vem a ser quasi o mesmo que *doutor*, depois de passar alguns annos na patria do *fado*, dessa dança tão querida dos estudantes, dessa dança para a qual todos compozeram as suas coplas alegres, que mais é necessario?

BEATRIZ

Cenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 311)

XIX

Que idéa despertaria no conde, em momento tão solemne, um sorriso? Esta pergunta acode naturalmente; mas, para lhe responder cabalmente, é mister conhecer o estado do seu espirito.

Numa das discussões mais renhidas, que elle travara numa revista d'além Rheno, se mostrara sectario mui acceso dos principios philosophicos de Kant. A philosophia ideal deste escriptor foi uma nobre aspiração d'alma e uma reacção poderosa contra o materialismo de Hume e o sensualismo de Loke e Condillac. Os mais altos espirites de Allemanha abraçaram com alvoroço as theorias de Kant, que baseava todos os conhecimentos humanos nos principios constitutivos da alma, e contrastava desta arte a idéa de que a experiencia é a origem primitiva da sciencia.

D. Fernando, na lição dessa philosophia, colhera theorias mui judiciosas. A sua alma elevada e que, naturalmente, se alava para as maiores alturas do mundo espirital, maravilhava-se ante as idéas apresentadas por Kant na sua critica da rasão pura. Essa epopeia sublime do espirito humano prendia-lhe a um tempo intelligencia e coração.

O conde, porém, talento que se abria para florescer mais tarde, não acabava de entender a contradicção que se manifesta nos escriptos de Kant; pois pela distincção que elle fizera entre o mundo phenomenal e o da realidade, destruiu, de todo o ponto, a existencia objectiva das suas leis physicas e moraes.

D. Fernando recebera as idéas expostas por Kant na sua critica da rasão pura com o alvoroço, com que o talento acolhe os pensamentos do genio; comtudo, o seu espirito não havia ainda subido á altura do grande mestre, para commetter as suas contradicções, que revelam o poder do genio para acertar. E' que os engenhos mais abalisados, jámais se deixam arrastar pela força dos seus systemas a ponto de cairem em absurdos mui palpaveis. Kant, negando a existencia do mundo exterior, que na sua obra citada, dizia ser uma mera creação do espirito, dera uma arma poderosa ao scepticismo, para duvidar das suas proprias idéas; todavia, não chegou, jámais, como D. Fernando, a vacillar sobre algumas questões, cuja solução mais importa ás aspirações do coração humano.

D. Fernando, creado por uma mãe religiosa, soffria, extremamente, com as hesitações que a philosophia lhe levantara na alma. Mais logico, porém, do que o seu mestre, antolhava-se-lhe que havia grande deficiencia nos problemas resolvidos por Kant, e as suas theorias vacillavam por vezes. As crenças vivas da sua infancia, espiritalisada pela poesia, que brota dos corações infantis, ao entoar uma oração no berço, em que os acalentaram os desvelos de uma mãe extrema ou no templo, em que primeiro lhe soaram os graves e edificantes hymnos da sua religião, succederam as duvidas dolorosas da intelligencia.

Triste e lamentavel estado é esse, em que o espirito se vê a braços com os temerosos acometimentos da descrença, e se recorda com pungentes saudades dos tempos, em que só vivia

para crer e lograr as suaves emoções de uma vida, que corre aformoseada pelas flores da religião e da esperanza.

A existencia de uma vida além da campa, essa nobre e grande idéa, que tanto levanta a humanidade e lhe suavisa as attribuições do mundo, era para elle um problema, cuja incognita não havia resolver pela rasão humana.

A elevação da sua propria alma concorria para se não penetrar da necessidade de haver uma outra vida além do espaço, que complete o viver ideal, porque o homem anheia e que, jámais, realisa na terra.

D. Fernando volvia se com amor para as cousas do espirito e tinha em nimio apreço a vida da alma, e se lhe afigurava que muito hávia Deus feito aos homens concedendo-lha.

O estado do espirito de D. Fernando era o de muitos homens d'além Rheno, em quem haviam callado as theorias de Kant que tão bem fizeram comprehender as altezas da alma humana e da sua natureza espirital, sem, comtudo, basearem a demonstração da existencia de uma vida além do espaço em argumentos assás solidos.

Beatriz, porém, não conhecia essas idéas, que trabalhavam o espirito de D. Fernando, e do seu sorriso só recebeu uma impressão dolorosissima. Um punhal, cravado no seu coração pela propria mão de D. Fernando não o ferira mais.

(CONTINUA)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

Acabaram de publicar-se e acham-se á venda na livraria do seu editor, Rua Aurea n.º 132, as seguintes obras: o 5.º e 6.º vol. dos Sermões pelo conego Francisco Soares Franco, 2 vol. 960 réis; Memorias da Mocidade (chronica de Coimbra) pelo mesmo, 2 vol. in-8.º, com um esboço da sua biographia por Ernesto Marecos, 1000 réis; Contos e Recordações, romance, pelo mesmo, vol. in-8.º, 500 réis; — A Cruz pelas riquezas, romance historico, por Carlos Pinto de Almeida, vol. in-8.º, 600 réis; A Conquista de Lisboa, romance, pelo mesmo, 1 vol., 500 réis; — Contos Largos, por J. G. dos Santos Lima, 1 vol. in-8.º 320 réis; — As confidencias e uma surpresa, por Ernesto Marecos, 1 vol. in-8.º, 400 réis; Savitri, lenda indiana, pelo mesmo, 140 réis; Juca a Matumbolla, lenda africana, pelo mesmo, 1 folheto, 160 réis; Juramentos bem cumpridos, romance, pelo mesmo, 1 vol., 600 réis; Primeiras Inspirações, poesias, pelo mesmo, 1 vol. 600 réis; — Diccionario Aristocrata, que contém todos os alvarás dos foros de fidalgos da real casa, medicos, reposteiros, e porteiros da real camara do numero, titulos e cartas de conselho, desde 1808 até setembro de 1822, 1 vol. in-8.º, 400 réis; — Escola do Matrimonio, comedia em 3 actos, por Lopes de Mendonça, 1 vol., 400 réis; — O que é o destino, comedia em 1 acto, por Araujo Assis, 1 folheto, 100 réis; Trevas e Luz, drama em 5 actos, pelo mesmo, preço 300 réis; Duvidas do Coração, drama em 1 acto, pelo mesmo, 120 réis; — A Vingança, opereta, por José Ignacio de Araujo, 80 réis; — A morte do renhaunhau, destempero tragico carnavalesco, pelo mesmo; Prócopico, o iman dos corações, poesia comica, pelo mesmo, preços 40 réis.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:

Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.